

## BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fernanda Ramos Parreira<sup>1</sup>  
Jéssika Silvério Rodrigues<sup>2</sup>

### RESUMO

Nesta pesquisa, realiza-se uma análise da problemática de como as aulas de Educação Física podem auxiliar no combate ao *bullying*, de maneira a propiciar reflexões e discussões, com o propósito de melhoria e intervenção, por parte das instituições escolares, dessa prática. A presente pesquisa é de cunho quali-quantitativa, constituindo-se um estudo de caso, pois obteve seus dados por meio de pesquisa de campo junto a uma instituição privada de ensino da cidade de Goiânia e de uma análise de dados secundários em bancos de dados governamentais, a exemplo da PenSE 2016 (Pesquisa Nacional de Saúde na Escola). O *bullying* entre os estudantes é um problema complexo, não existindo soluções simples para sua redução, estando seus atos presentes em todas as escolas. Os dados brasileiros mais recentes são apresentados na PenSE (2016) e mostram o *bullying* mais presente nas relações entre os meninos (7,6%) do que em relações entre as meninas (7,2%). A partir deste estudo considera-se que há uma influência substantiva do esporte no âmbito escolar. E por vezes, os profissionais de educação física atuam focalizando apenas nas aptidões e capacidades físicas, e assim, fazem com que a educação física gere a segregação e exclusão daqueles considerados “não-aptos” a determinadas modalidades esportivas, logo propiciando o *bullying* nas aulas. É fundamental processos formativos e intervencionistas mais efetivos para enfrentamento da violência no contexto escolar, em especial ao *bullying*.

**Palavras-chave:** *Bullying*, Educação Física, Violência Escolar.

## BULLYING IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

### ABSTRACT

This research intends to analyze how Physical Education classes can help in avoiding the practice of bullying. This study provides reflections and discussions, aiming to improve the participation and the intervention of educational institutions. The objective of this research is to understand how Physical Education classes can contribute in the prevention and reduction of bullying in school environment, once it is important to be aware of the consequences that such phenomenon can bring to society. This quali-quantitative research obtained its data through an interview with a private institution teaching in the city of Goiânia and by analysis of secondary information in governmental data banks, such as PenSE 2016 (Pesquisa Nacional de Saúde na Escola). Bullying among students is a complex problem, there are no simple solutions for their reduction, and their acts are present in all schools. The most recent Brazilian survey are presented in the PenSE (2016) and show the most present bullying in relationships between boys (7.6%) and in relationships among girls (7.2%). From this study it is considered that there is a substantive influence of the sport in the school scope. And sometimes physical education professionals work focusing only on physical abilities, and thus, make physical education generate the segregation and exclusion of those considered "unfit" to certain sports modalities, thus promoting bullying in classes. It is fundamental more effective training and interventionist processes to deal with violence in the school context, especially to bullying.

**Keywords:** Bullying, Physical Education, School Violence.

1 Docente da Faculdade Araguaia

2 Discente do curso de Educação da Faculdade Araguaia.

## INTRODUÇÃO

É possível perceber, nos meios de comunicações, os diversos tipos de violência presentes em nossa sociedade, desde agressões físicas até verbais, desrespeito, humilhações e discriminações. A violência está presente em qualquer ambiente no qual existam relações interpessoais e não há um local específico para tal prática. Portanto, ela pode ocorrer no ambiente de trabalho, em casa, na rua e na escola.

Independente da localização ou do poder aquisitivo da comunidade que frequenta a escola, seja privada ou pública, localizada nas periferias ou nos grandes centros, essas instituições não estão isentas das práticas de violências, pelo contrário, a violência sempre está presente em seu contexto (BOTELHO; SOUZA, 2007).

Botelho e Souza (2007, p. 59) confirmam que essa violência na escola, denominada de *bullying*, “[...] trata-se de um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhuma instituição: primária ou secundária; pública ou privada; rural ou urbana [...]”.

O *bullying* pode ser definido como sendo todas as atitudes consideradas agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem clara motivação, adotadas por um ou mais alunos contra outro(s). As ações engendradas através do *bullying* geram dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. (LOPES NETO, 2005).

A prática do *bullying* pode acarretar consequências graves as vítimas do *bullying*, com prejuízos no futuro (LOPES NETO, 2005).

Há estudos, como de Lopes Neto (2003; 2005 e 2011); Silva (2010) e Fante (2011), que comprovam que aqueles que vivem essas situações podem ter comprometimentos, como o rendimento escolar inferior, além do desenvolvimento social, emocional e psíquico atingido (OLIVEIRA; VOTRE, 2006). Segundo Lopes Neto (2005) as pessoas que sofrem *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos.

Tendo em vista que o objeto de estudo da Educação Física é o corpo e as práticas inseridas a ele, facilmente os alunos menos habilidosos são notados, ficando, assim, mais vulneráveis a ocorrência de discriminações, preconceitos e segregações. O professor dessa disciplina deve ser bastante perspicaz para identificar essas práticas, na tentativa de não permiti-las. A partir desse cenário, questiona-se: como as aulas de Educação Física podem auxiliar no combate ao *bullying*?

Portanto, o interesse no presente estudo se deu pela carência de pesquisas voltadas para a área de Educação Física, principalmente sobre que forma as aulas podem auxiliar no combate ou na redução do fenômeno *bullying*, que só vem crescendo cada vez mais, sem ser-lhe dada a devida importância.

A pesquisa propicia reflexões e discussões sobre o referido tema com o propósito de melhoria e intervenção por parte das instituições escolares perante a prática do *bullying*.

Dessa maneira, o presente estudo tem como objetivo geral compreender como a Educação Física pode contribuir na prevenção e na redução do *bullying* no âmbito escolar. Os objetivos específicos são: identificar se a maioria de suas ocorrências ocorre nessas aulas; analisar sobre que forma o *bullying* acontece nessa matéria; e investigar quais metodologias podem ser aplicadas para a superação de eventos relacionados ao *bullying*.

A pesquisa ocorreu em uma escola da rede privada da cidade de Goiânia, foi solicitado a anuência junto a instituição investigada. A instituição de ensino concedeu as condições necessárias para realização de observação direta do campo, bem como para aplicação de entrevista semi-estruturada. Ao sujeito submetido a entrevista foi coletado TCLE, no qual foi esclarecido sobre o teor da pesquisa e as garantias de anonimato e não exposição do referido profissional.

### *O fenômeno do bullying*

A violência é um problema que tem se expandindo e, por isso, é importante ser estudada por diversas áreas e profissionais (LOPES NETO; LOPES & SAVEEDRA; FANTE, SILVA).

No meio escolar, acontecem inúmeras ocorrências de violência com funcionários, professores e alunos. Dentre as diferentes formas de violência (familiar ou doméstica; urbana; institucional) aponta-se violência que ocorre entre alunos no ambiente escolar que denomina-se *bullying* (BOTELHO; SOUZA, 2007).

*Bullying* é uma palavra inglesa que se refere a atos repetitivos de opressão, tirania e agressões que ocorrem sem motivação evidente por parte de um ou mais estudantes contra outro(s). É possível encontrar traduções para o termo *bully*, sendo o indivíduo tirano, mandão, valentão, brigão (LOPES NETO, 2011)

No Brasil, assume-se como um termo relacionado a aspectos de tirania, opressão, autoritarismo (FANTE, 2011)

Esse termo é utilizado para classificar várias atitudes agressivas de violência física, psicológica e simbólica no âmbito escolar (SILVA, 2010).

O bullying se fundamenta em ações e comportamentos cruéis, intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar, vitimizar e intimidar (FANTE, 2011).

Dessa forma, a descrição de *bullying* não pode ser vista como algo normal que ocorre entre os estudantes, mas como comportamentos agressivos de maneira repetitiva, utilizando-se de atos de intimidação e desequilíbrio de poder (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003)

Constantini (2004, p. 69) elucida a conceituação do termo bullying como tratando-se de um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada.

Logo, são indivíduos que não têm compaixão com seus pares, utilizam algumas estratégias como o abuso de poder e a intimidação para impor sua autoridade e manter o domínio sobre suas vítimas (CONSTANTINI, 2004).

Lopes Neto (2005), classifica o *bullying* como sendo direto, ou seja, aquele em que as vítimas são atacadas diretamente, como, por exemplo, agressões físicas, apelidos, ameaças, ou indireto, quando estão ausentes, compreendendo as atitudes indiferentes e o isolamento.

Para Silva (2010), raramente a vítima recebe somente um tipo de maus-tratos, devido à existência de várias formas e práticas do *bullying*. No Quadro 1 essas várias práticas estão listadas:

Quadro 1 – Tipologia de Ações oriundas da prática de bullying no contexto escolar

<b>VERBAL</b>	<b>FÍSICO / MATERIAL</b>	<b>MORAL</b>	<b>SEXUAL</b>	<b>VIRTUAL</b>
Insultar Ofender Xingar Realizar gozações Colocar apelidos	Bater Chutar Espancar Ferir Roubar Destruir os pertences das vítimas	Irritar Excluir Ridicularizar Desprezar Ameaçar Perseguir Difamar	Assediar Abusar Violentar Insinuar	Expandir calúnias e maledicências com a utilização de aparelhos e equipamentos de comunicação.

Fonte: Adaptado de Silva (2010).

De acordo com Lopes Neto (2011), o modo como os alunos se envolvem no *bullying* pode ser classificado em quatro tipos de participação, mostradas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Relação de atores e ações no *bullying*

<b>Atores</b>	<b>Papéis/ Ações</b>
Autores/ Agressores	Alunos que somente adotam comportamentos agressivos contra os demais.
Alvos / Vítimas	Alunos que apenas sofrem as agressões.
Alvos autores/ Vítimas agressoras	Alunos que em dado momento agredem e em outros momentos sofrem a agressão.
Testemunhas ou observadores	Alunos que não sofrem e nem praticam <i>bullying</i> , porém convivem em um ambiente no qual ocorre.

Fonte: Adaptado de Lopes Neto (2011).

Lopes Neto (2005), alerta sobre as consequências que o *bullying* pode trazer para os alvos, autores e testemunhas, tanto física quanto emocionalmente, de curto e longo prazo, as quais podem acarretar dificuldades sociais e emocionais, causando a perda de oportunidades – como em relacionamentos afetivos, tornando-os pouco duradouros – instabilidade no trabalho e até mesmo na vida acadêmica. As pessoas que sofrem *bullying* quando crianças são mais favoráveis a sofrerem depressão e a terem baixa autoestima quando adultos.

É possível perceber o quanto o fenômeno *bullying* ainda é pouco debatido pelos adultos, ou seja, por pais, professores e comunidade em geral, que têm a visão de serem apenas desavenças “bobas” e que podem ser resolvidas entre eles mesmos, sem se preocuparem com as consequências que podem surgir em suas vidas de imediato ou em longo prazo, podendo citar o abandono escolar ou até mesmo o suicídio.

Tendo em vista vários acontecimentos recorrentes nas escolas, ecoa uma pergunta: O que é o *bullying*? E como ele ocorre no contexto escolar? Comumente buscam-se respostas à violência explícita, ou seja, às brigas e aos desentendimentos entre alunos de forma física e verbal. Sabe-se, contudo, que a motivação para os ataques seria vingança pela exclusão sofrida durante muito tempo e por situações constrangedoras sofridas por serem considerados diferentes da maioria dos alunos (FANTE, 2011).

As inquietações com o fenômeno *bullying* são recentes, considerando que a maioria das pesquisas e publicações internacionais surgem na década de 1990 (CONSTANTINI, 2004).

Constantini (2004) aponta que Dan Olweus e Peter Smith foram os pioneiros a estudarem e a proporem intervenções no tocante ao *bullying*. Fante (2011), também cita Dan Olweus e afirma que seus estudos foram feitos de maneira mais específica, com o objetivo de diferenciar essa prática de possíveis brincadeiras.

Fante (2011), ressalta que Dan Olweus pesquisou 84 (oitenta e quatro) mil estudantes, incluindo vários períodos de ensino, 400 (quatrocentos) professores e 1.000 (mil) pais. O estudo constatou que, a cada grupo de 7 (sete) alunos, 1 (um) estava envolvido em situações de *bullying*. Isso originou uma campanha nacional em combate ao *bullying*, reduzindo esses casos, nas escolas, em cerca de 50%. Tal episódio incentivou outros países, como Reino Unido, Canadá e Portugal, a também promoverem campanhas para combatê-lo.

No Brasil, os estudos referentes a esse fenômeno foram iniciados pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), que desenvolveu o “Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes”, realizado entre 2002 e 2003. Esse programa diagnosticou e programou ações efetivas para a redução do comportamento agressivo entre estudantes da 5ª e 8ª série de nove escolas públicas e duas escolas privadas localizadas no Rio de Janeiro (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

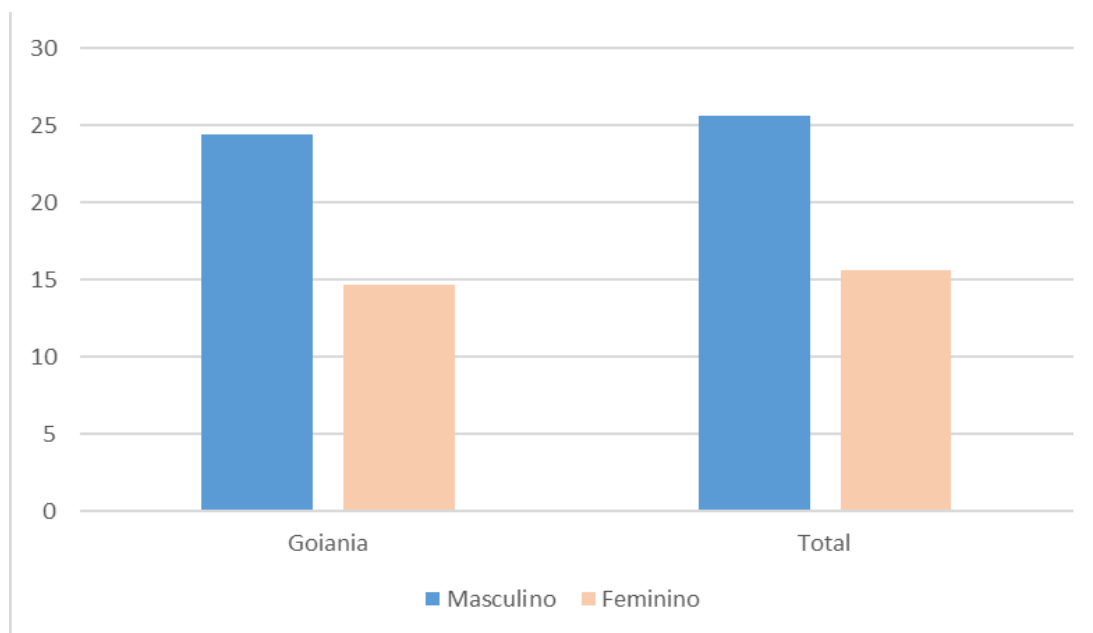
Coordenado pelo Dr. Aramis Antonio Lopes Neto (2003; 2005; 2011), o programa aponta alguns dados relevantes, dentre eles: 40,5% dos estudantes entrevistados admitiram estar diretamente envolvidos em atos de *bullying*, seja como autores e/ou alvos; 57,5% testemunharam esses atos entre seus colegas; 51% dos alunos alvos admitem sofrer *bullying* o ano todo ou há muitos anos; o local de mais ocorrência é a sala de aula, atingindo 60,2%; 41,6% dos alvos não falaram a ninguém sobre o *bullying* sofrido; a participação dos alunos nesses atos demonstra o predomínio do sexo masculino sobre o feminino, tanto como alvo como quanto autores, sendo 60% meninos e 40% meninas nos casos de alunos/alvos e, em relação aos alunos/autores, os meninos aparecem com mais de 60% dos dados coletados (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

Lopes Neto (2011), destaca, que em diversas pesquisas realizadas é possível perceber que os tipos de *bullying* variam de acordo com o sexo dos envolvidos. Afirma, ademais, que o sexo masculino é maioria entre autores e alvos, pois o sexo feminino utiliza a prática indireta. Ainda, os autores de *bullying* são mais violentos com os alvos do mesmo sexo.

Os dados brasileiros mais recentes são apresentados na PenSE (2016) e mostram o *bullying* mais presente nas relações entre os meninos (7,6%) do que em relações entre as meninas (7,2%).

No gráfico a seguir se demonstra a prevalência do sexo masculino quando questionados se o aluno já havia esculachado, zombado, mangado, intimidado ou caçoado algum de seus colegas de escola.

Gráfico 1 – Percentual de escolares do Ensino Fundamental que esculacharam, zombaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram algum(a) colega de escola



Fonte: Adaptado de PenSE (2016).

Entre os meninos, é mais fácil identificar um possível autor de *bullying* devido a suas ações serem mais agressivas, pois eles batem, chutam e gritam. No universo feminino, essas manifestações são mais implícitas, em forma de boatos, fofocas, exclusão etc (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

Para Silva (2010), é de suma importância que as escolas e as famílias saibam identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores, para que, assim, possam desenvolver estratégias e realizar ações efetivas no combate ao *bullying*.

É comum que a vítima não conte nada do que lhe acontece na escola para os professores e para seus familiares, provavelmente por medo, visto receber diversas ameaças. Por isso, a escola e seus profissionais devem ficar atentos para tal fenômeno, que, embora complexo, precisa ser enfrentado, uma vez que é responsabilidade da escola a formação dos indivíduos, a transmissão de valores e o desenvolvimento de potenciais intelectuais e sociais (SILVA, 2010).

Após dissertar sobre o *bullying* e contextualizar suas características, no tópico a seguir se realiza uma reflexão sobre esse fenômeno e sua relação com a Educação Física.

#### O fenômeno *bullying* e a educação física escolar

Em relação à Educação Física, é necessário retomar seu contexto histórico e seu papel em nossa sociedade. No final do século XVIII e início do século XIX, consolidava-se uma nova sociedade, ou seja, a sociedade capitalista, a qual necessitava estabelecer um homem novo, mais forte, mais ágil, transformando sua força em trabalho para, assim, comercializá-la (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Soares (2007) assegura que o século XIX é de suma importância para a compreensão da Educação Física, tendo nele ocorrido a criação de conceitos básicos sobre a utilização do corpo em prol da força de trabalho. Os exercícios físicos passaram a ser vistos como a solução para todos os males, um tipo de remédio para a busca pelo corpo saudável (SOARES, 2007).

Ao longo do tempo, a Educação Física sofreu diversas transformações, adaptando-se às mudanças sofridas na sociedade, porém, sempre visando os interesses da classe dominante e tendo como principal objetivo o aperfeiçoamento da mão de obra. Dentre essas diversas transformações, o esporte manifesta-se como uma temática de grande influência na área (SOARES, 2007).

A influência do esporte no âmbito escolar é de grande amplitude, já que o modelo tradicional insere-se no meio escolar como mecanismo de controle e disciplina do indivíduo (SOARES, 2007). Dessa forma, a Educação Física poderá assumir um papel segregador com a esportivização no âmbito escolar, causando uma separação dos indivíduos ao buscar jovens talentosos para determinadas modalidades esportivas, tornando propícia a disseminação do *bullying* nas aulas (COLETIVO DE AUTORES, 2012)

Pedagogicamente, o esporte tem de ser abordado no sentido do esporte da escola, e não como esporte na escola. Conduzir as aulas de Educação Física limitando a utilização das



técnicas não sugere a retirada delas nas aulas, porém, nessa instituição, o coletivo deve ser privilegiado sobre o individual(COLETIVO DE AUTORES, 2012)

Tubino (2011), realiza análises sociais do esporte e considera três dimensões dele, sendo uma delas o esporte educação, que propõe um conteúdo fundamentalmente educativo, compreendendo o esporte como uma manifestação educacional, que não visa a procura de jovens talentos e é pautado em princípios de cunho social inclusivo.

Ademais, o esporte participação está relacionado ao princípio do prazer lúdico, tem por finalidade proporcionar aos participantes bem-estar social e ocorre fora das obrigações diárias, na qual sua participação é voluntária. Finalmente, a última dimensão, o esporte performance, fornece os espetáculos esportivos de caráter segregador, pois leva em consideração os talentos dos jovens, dando ênfase às técnicas e táticas do esporte na busca pelo alto rendimento (TUBINO, 2011)

Visto que o esporte tradicional facilita a exclusão, o preconceito e a discriminação, é preciso abrir os olhos para a complexidade do problema e servir de base ao processo de ensino-aprendizagem no entendimento das diferenças e valorização de todos os alunos, independente de sexo, etnia ou classe social(TUBINO, 2011).

É fundamental que as aulas de Educação Física sejam direcionadas a todos os alunos. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), essa necessidade é proposta como princípio básico. A sistematização dos objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimentos, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e eficiência. (BRASIL, 1998, p. 19).

Na história da Educação Física sempre ocorreu a seleção dos mais aptos em relação aos inaptos, proporcionando a exclusão de diversos alunos do contexto da cultura corporal. Portanto, é possível compreender que, ao propor o princípio da inclusão, os PCN têm como interesse o surgimento de uma Educação Física escolar capaz de superar a exclusão, o que não ocorre na maioria das aulas de Educação Física (DARIDO *et al.*, 2001).

Muitos alunos se sentem rejeitados nas aulas de Educação Física pela diferença de suas características físicas com a dos demais colegas, recebem diversos apelidos, são excluídos de determinados esportes e, por isso, se sentem sem utilidade e acabam aceitando a situação. Fante

(2011, p. 35) apresenta, em sua obra, o depoimento de uma aluna que se sente sem serventia alguma:

Minha vida escolar não é a melhor. Gosto muito dos professores, mas de uma semana pra cá andam me difamando por causa de um trabalho escolar. Estou sendo rejeitada por algumas pessoas da minha classe. Na aula de Educação Física, dizem que sou baixa e frágil, então não sirvo pra nada [...].

No que se refere à legislação, temos, no Brasil, a Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) em todo o território nacional com o objetivo de prevenir e combater essa prática em toda a sociedade, responsabilizando os estabelecimentos de ensino a assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência (BRASIL, 2015).

Segundo a lei, caracteriza-se a intimidação sistemática (*bullying*) em violência física ou psicológica, realizada por meio de atos de intimidação, humilhação ou discriminação intencional e repetitiva, que ocorre sem motivação evidente. Ainda, ela pode ocorrer na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar constrangimento psicossocial (BRASIL, 2015).

A lei mais recente, no Brasil, é a nº 13.277, de 29 de abril de 2016, que institui o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência na Escola, a ser celebrado, anualmente, no dia 7 de abril (BRASIL, 2016).

Tem-se como base, também, o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 que prevê, em seu art. 5º, que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. Outra finalidade desse Estatuto é proteger integralmente os direitos de crianças e adolescentes, sendo utilizado como uma orientação para que tais direitos sejam devidamente seguidos.

É fundamental que pais, professores e profissionais que lidam diariamente com crianças e adolescentes entendam o Estatuto da Criança e do Adolescente para, assim, ter o conhecimento do dever de zelar por sua dignidade, como cita em seu art. 18: “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor” (ECA, 1990).

O fenômeno pode ter um tratamento penal no caso da lesão corporal, calúnia, difamação, ameaça ou dano, que pode ser constatado no Código Penal Brasileiro. Desse modo, faz-se importante que pais ou responsáveis registrem o boletim de ocorrência na delegacia de polícia para, assim, evitar a impunidade e o crescimento da violência, auxiliando na produção de dados estatísticos para eventuais estudos e pesquisas relacionados à violência escolar (ECA, 1990).

Lopes Neto (2011), considera a violência como um problema de saúde pública e o *bullying* como um fenômeno universal, presente em todas as escolas, sendo um problema complexo sem soluções simples para sua redução. Afirma, ademais, que, para reduzir o *bullying*, é necessário que as escolas adotem estratégias e ações *antibullying*, realizando um trabalho contínuo, que envolva toda a comunidade escolar, ou seja, professores, estudantes, pais e funcionários, sempre trabalhando com estratégias voltadas para a prevenção.

É importante que a prevenção comece pela capacitação dos profissionais de educação, para que saibam identificar e diagnosticar o fenômeno, distinguindo de possíveis brincadeiras e assim promover estratégias de intervenção e prevenção (DARIDO *et al.*, 2001).

Darido *et al.* (2011), assegura que o professor de Educação Física, bem como os demais, deve estar preparado para lidar com as práticas discriminatórias, de exclusão e de violência, promovendo discussões entre os alunos. É importante que os professores de Educação Física reflitam sobre os conteúdos propostos, utilizando-se de outras maneiras para propor atividades práticas que não excluam gênero, indivíduos menos habilidosos e tampouco promovam a violência (DARIDO *et al.*, 2001).

Os autores sugerem alternativas de minimizar esses problemas, como escolher outros conteúdos que não sejam os tradicionais (futebol, voleibol, basquetebol e handebol), utilizando jogos cooperativos e outros jogos com mais de duas equipes na quadra, proporcionando, com isso, a participação de vários alunos (DARIDO *et al.*, 2001).

Portanto, é perceptível que a Educação Física e o fenômeno *bullying* possuam várias ligações pelo ambiente inserido a eles, e, dependendo da maneira que a Educação Física é sistematizada, acaba tornando propícia sua propagação (DARIDO *et al.*, 2001).

Para Darido *et al.* (2001) O enfrentamento da violência escolar e do *bullying* não configura uma responsabilidade e dever exclusivo da escola, pois sozinha não conseguirá contê-la, sendo necessários o compromisso e o envolvimento da família e de instituições que assegurem os direitos de crianças e adolescentes, do governo na criação de políticas públicas e

na capacitação de profissionais da educação, saúde, assistência social dentre outros, para, então, desenvolver programas eficazes que ofereçam oportunidades de mudanças.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta etapa, apresentam-se os resultados referentes à pesquisa de campo realizada junto a uma instituição de ensino privada da cidade de Goiânia. Foi realizada a entrevista semiestruturada e a observação direta das aulas de Educação Física no período correspondente a primeira quinzena do mês de outubro do ano de 2016.

O professor entrevistado relatou que se formou no ano de 2010, no curso de Licenciatura em Educação Física, e realizou, posteriormente, a complementação do Bacharelado. Destacou que atua nessa instituição de ensino desde 2011.

Quando questionado o que vem a sua mente quando se refere ao termo *bullying*, o professor apresenta uma visão antiga, na qual eram colocados apelidos uns nos outros, e ainda cita que “antigamente nós não nos importávamos e que, hoje em dia, as crianças não aceitam tal atitude”. Por fim, afirma que tais atitudes podem causar grandes problemas psicológicos. É possível evidenciar a percepção superficial e contraditória do professor no tocante a ocorrência do *bullying* em suas aulas. Pois ao passo que entende que é “natural” a atitude de apelidar os colegas com nomes pejorativos e/ou que nomes destacam alguma característica ou deficiência daquele que é apelidado. Reconhece que as atitudes advindas da prática do *bullying* geram consequências a saúde do sujeito que sofre a violência no contexto escolar durante toda sua vida.

O professor afirma que a instituição de ensino já proporcionou capacitação sobre o tema e já participou de outras fora dela. Tem conhecimento sobre projetos *antibullying* e declara que a escola faz palestras durante todo o ano. Ele confirma que acontecem casos de *bullying* na escola e, como exemplo, explica que isso se manifesta com “os meninos colocando apelidos uns nos outros e apelidos maldosos, principalmente falando de gordo, de negro, de feio, isso acontece demais”. Essa fala evidencia o pouco conhecimento das diversas formas de *bullying* existentes, destacando somente as ações verbais de apelidar realizando práticas preconceituosas (LOPES NETO, 2005).

O referido docente confirma que, nas aulas de Educação Física, acontecem casos de *bullying* entre os alunos e justifica sua reação: “eu tento repreender os dois aplicando uma punição a quem praticou *bullying* e coloco os dois para que tenham um afeto na hora, tipo um

abraço, um aperto de mão” (Professor Entrevistado, 2016). Nesse momento, é possível identificar contradições em algumas de suas falas, tendo em vista que o docente afirmou já ter participado de capacitações sobre o *bullying* tanto fora como pela instituição e de ter conhecimentos sobre projetos *antibullying*, sua reação para as ocorrências do fenômeno deveria ser diferente de punições. Como visto anteriormente Darido *et al.* (2011) afirma que os professores devem realizar discussões entre seus alunos.

Silva (2010), destaca que quando for identificado caso de *bullying*, deve ser realizada entrevistas individuais pelos responsáveis da escola começando pela vítima mostrando que estão dispostos em ajudá-la. No caso dos agressores também é necessário demonstrar compreensão, porém transmitir firmeza e expor as consequências pelo comportamento inadequado.

Quando indagado se os eventos relacionados ao *bullying* ocorrem com mais frequência nas aulas de Educação Física, disse que acontece muito e esclarece que “[...] principalmente tem algumas pessoas que não conseguem praticar alguma determinada modalidade esportiva, aí as pessoas ficam pegando no pé e até excluindo, só que a gente tenta ao máximo, elaborando estratégias para que isso seja minimizado ou até acabado”. O processo de esportivização com foco nas competências técnicas e habilidades específicas, quando não atrelada a perspectiva crítica e de formação do indivíduo em sua totalidade. Conforme destaca Tubino (2011), sob a perspectiva do esporte na escola e não o esporte da escola. A educação física escolar é capaz de propiciar um espaço de segregação e exclusão daqueles considerados não-aptos para desempenhar determinada modalidade esportiva.

Ainda, quando questionado se já trabalhou ou trabalha de alguma forma o termo *bullying* com seus alunos, responde que sim e evidencia:

Durante a prática de alguma modalidade esportiva, vou dar o exemplo do futsal que é mais fácil, as pessoas começam a excluir o aluno aí eu vou e elaboro alguma estratégia para que esse tal aluno seja útil, um exemplo, tipo misturo homens e mulheres e falo pra eles que só pode fazer gol à menina ou que só pode fazer gol algum determinado aluno, pra tentar minimizar e colocar todos pra trabalhar ao mesmo tempo. (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2016).

Nessas falas, o professor comprova a influência do esporte para a segregação dos menos habilidosos nas aulas de Educação Física. Desse modo é possível observar que, em alguns

casos, professores vinculam a Educação Física exclusivamente à abordagem da aptidão física e esportiva e promovem, em suas aulas, os esportes coletivos – futebol, voleibol, basquetebol e handebol – sob o arcabouço seletivo e segregador (TUBINO, 2011). Muitas vezes nem os fundamentos desses esportes são ensinados, sendo oferecida a bola aos alunos, trazendo frustrações para vários alunos, pois não conseguem se identificar com as práticas esportivas e se sentem excluídos e desinteressados das aulas (TUBINO, 2011).

Na observação da aula, o professor trabalhou o jogo “queimada” e não conseguiu fazer com que todos participassem. A partir da observação pode-se verificar que havia a exclusão dos menos habilidosos ao longo da aula. Pontua-se que ao longo do processo observacional que o professor não realizou nenhuma intervenção para sair do tradicional jogo de queimada, na qual quem é atingido fica excluído da atividade.

O professor entrevistado também foi questionado sobre sua concepção de prática de *bullying* em relação ao gênero dos alunos, se quem o pratica mais são os meninos ou as meninas e como o fenômeno costuma aparecer entre eles. Ele responde que são “os meninos, por que os meninos são mais competitivos que as meninas nas aulas de Educação Física. Para eles, o importante é vencer, e não praticar, mas isso já está mudando”.

Essa fala confirma o que já vem sendo demonstrado nos estudos de Lopes Neto(2003; 2005; 2011), isto é, que o sexo masculino está mais presente nos casos de *bullying*. A PenSE (2016) é a pesquisa mais recente a respeito desse fenômeno e, como afirmado nas discussões anteriores, a pesquisa também demonstra, em seus resultados, um número maior de meninos envolvidos em casos de *bullying* do que de meninas.

A PenSE, que em suas edições anteriores não tinha um tópico específico sobre esse fenômeno, na edição de 2016 o aborda apresentando dados relevantes em relação a escolas públicas e privadas. A inserção de levantamento de dados relativos ao *bullying* permite afirmar que o tema aos poucos têm sido inserido na agenda pública. Isso é bastante significativo para aumentar os estudos e pesquisas sobre o referido tema.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, infere-se que o *bullying* é um problema complexo, não existindo soluções simples para sua redução. A família é o primeiro espaço de formação e aprendizado para o ser humano. Por sua vez, a escola é o espaço de extensão das vivências inauguradas pela família. Tanto os pais como os professores e pessoas envolvidas diretamente com as crianças e

adolescentes devem auxiliá-los a lidar com as diferenças, procurando trabalhar seus preconceitos.

Os alunos autores de *bullying* precisam de apoio e não de punição, visto que provavelmente eles também estão sofrendo com isso. Cada escola deve desenvolver suas próprias estratégias de combate ao fenômeno, tendo sempre a educação como principal proposta e iniciando a intervenção nos primeiros anos escolares.

Das diversas transformações ocorridas ao longo do tempo na história da Educação Física, se faz presente, até os tempos de hoje, a seleção dos aptos e dos inaptos, principalmente com a esportivização inserida nas aulas com a busca por novos talentos, tornando-se, assim, um ambiente favorável para a ocorrência do *bullying*. A Educação Física não se torna a disseminadora do *bullying* no âmbito escolar, porém é possível quantificar o *bullying* na violência física, pois é palpável e mensurável, sendo na Educação Física que os problemas de *bullying* no contexto escolar são aflorados.

No entanto, é possível mudar essa realidade, com instituições de ensino e profissionais dispostos a realizar uma intervenção e capacitando-se para lidar com essa forma de violência, que vem crescendo a cada dia e promovendo graves consequências.

Nessa perspectiva, a pesquisa pode contribuir com a discussão do tema, pois analisa o fenômeno *bullying* no contexto da Educação Física Escolar, identificando possíveis mudanças que se fazem necessárias para romper com determinados paradigmas. Dessa forma, propõe-se que novas pesquisas sejam realizadas, com o propósito de investigar e aprofundar o conhecimento a respeito deste assunto no contexto da Educação Física Escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. Bullying e Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, n. 139, p. 58-70, dez. 2007.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/De12848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De12848compilado.htm)>. Acesso em: 10 set. 2016.
- BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm)>. Acesso em: 23 set. 2016.
- BRASIL. **Lei nº 13.277, de 29 de abril de 2016**. Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência na Escola. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13277.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13277.htm)>. Acesso em: 23 set. 2016.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 10 de set. 2016.
- BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- CONSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo?:** prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. Trad. de Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- DARIDO, S. C. et al. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista Educação Física**, São Paulo, p. 17-32, jan./jun. 2001.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz**. 6. ed. Campinas: Verus Editora, 2011.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.
- GONÇALVES, M. L. et al. **Fazendo pesquisa: do projeto à comunicação científica**. 4. ed. Santa Catarina: Univille, 2014. 120 p.



IBGE. **Pesquisa Nacional de Saude do Escolar**: 2015. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5 (Supl), p. 164-172, 2005.

LOPES NETO, A. A. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

LOPES NETO, A. A. SAAVEDRA, L. H. **Diga não para obullying**: Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003. 128 p.

OLIVEIRA, F. F.; VOTRE, S. J. Bullying nas aulas de educação física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 173-197, maio./ago. 2006.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 188 p.

SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 25).

Recebido em 06 de fevereiro de 2017.

Aprovado em 22 de fevereiro de 2017.